



A ESCOLA BRASILEIRA DE ANÁLISE DE DISCURSO: REVISANDO SÉRGIO SOUZA¹

THE BRAZILIAN SCHOOL OF DISCOURSE ANALYSIS: REVIEWING SÉRGIO SOUZA

LA ESCUELA BRASILEÑA DE ANÁLISIS DEL DISCURSO: REVISIÓN DE SÉRGIO SOUZA

André Felipe Rosa²

 <https://orcid.org/0000-0003-2319-113X>

 <http://lattes.cnpq.br/3361155786236088>

Universidade Católica de Brasília, UCB, DF, Brasil

E-mail: andrecpol@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo explorar a Escola Brasileira de Análise de Discurso, com o objetivo de compreender as estruturas do discurso político, bem como identificar as matrizes ideológicas que são trazidas pelo inconsciente dos eleitores, que os induzem a se identificar com determinados atores políticos. A Escola Brasileira é inspirada na Escola Francesa, preconizada pelo teórico, Michel Pêcheux.

Palavras-chave: Escola Brasileira. Análise de Discurso. Discurso Político. Eleições.

Abstract

This article aims to explore the Brazilian School of Discourse Analysis, with the objective of understanding the structures of political discourse, as well as identifying the ideological matrices that are brought by the unconscious of the voters, which induce them to identify with certain political actors. The Brazilian School is inspired by the French School, recommended by the theorist, Michel Pêcheux.

Keywords: Brazilian School. Discourse Analysis. Political speech. Elections.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo explorar la Escuela Brasileña de Análisis del Discurso, con el objetivo de comprender las estructuras del discurso político, así como identificar las matrizes ideológicas que trae el inconsciente de los votantes, que los inducen a identificarse con ciertos actores políticos. La Escuela Brasileña está inspirada en la Escuela Francesa, recomendada por el teórico Michel Pêcheux.

¹ A revisão linguística foi realizada por André Felipe Rosa.

² Bacharel em Ciência Política pela Universidade de Brasília, Mestre em Psicologia (Linha de pesquisa em psicologia política (eleições), participou de Núcleos de Pesquisa Pibic como bolsista nos seguintes temas: Relações clientelistas baseado no voto e Laboratório de Comportamento Político e Políticas Públicas - LAPCIPP da Universidade de Brasília, tendo pesquisado sobre estudos raciais e cotas nas Universidades Federais. Linha de trabalho acadêmico: Pesquisa qualitativa, análise de discurso. Domínio do software de pesquisa qualitativa: Iramuteq. IRaMuTeQ é um software livre ligado ao pacote estatístico R para análises de conteúdo, lexicometria e análise do discurso. Foi desenvolvido pelo Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales da Universidade de Toulouse. Principais linhas de pesquisa: Comportamento político, análise de discurso, análise política, processo legislativo.



Palabras clave: *Escuela Brasileña. Análisis del discurso. Discurso político. Elecciones.*

Introdução

Este artigo busca explorar a Escola Brasileira de Análise de Discurso para compreender os discursos políticos e como eles podem impactar o eleitorado, a sua familiaridade com determinado discurso e como os enunciados das pessoas ilustram o contexto social e histórico envolvendo o sujeito.

A Escola Brasileira, tem como seus fundadores o Sergio Souza e Eni Pucinelli, que, acreditava que todo o discurso também carrega grande contexto ideológico. Portanto, este teórico busca identificar o enunciado do sujeito, com foco inicial na Escola Francesa, que influenciou os pensadores brasileiras nesta metodologia de radiografia de linguagem.

A Escola Brasileira tem como base a Escola Francesa, que influenciou várias correntes do pensamento linguístico. No Brasil, os pensadores também se debruçam sobre a ideologia do sujeito, os contextos sociais e históricos envolvidos, que podem impactar na forma como o cidadão enxerga o mundo.

Esta teoria também se debruça sobre a psicanálise lacaniana, ao entender que as resistências do sujeito, ao qual a psicanálise estuda, de como o indivíduo formula os enunciados no âmbito do inconsciente e também a interligação com a vontade inconsciente de romper com alienações causadas pelas ideologias que foram construídas ao longo do tempo.

A Escola Brasileira de Análise de Discurso – Revisando Sérgio Souza

Para Orlandi (2009) todo discurso obedece a um esquema que se constitui na seguinte ordem: emissor, receptor, código, referente e mensagem. Desta forma o emissor será o responsável pela transmissão da mensagem que será a informação. O receptor irá receber a mensagem em forma de código, este código será algum objeto do mundo real.

Todo o mecanismo acima apontado não faz algum sentido para a análise do discurso uma vez que não haverá uma distância entre emissor e receptor, nem mesmo a ordem de fala importa, o que importa na realidade é o processo de significação que ocorre no momento do discurso, no momento em que o emissor envia uma mensagem, o receptor não está apenas decodificando, nesse momento está acontecendo uma troca de informações que impactará na formação dos significados. Ou seja, o discurso visa o significado.

O processo de comunicação discursiva entre emissor e receptor não será apenas um mecanismo de decodificação, uma vez que esse processo de troca de informações coloca sujeito e os sentidos impactados pela história, pelo social e pela língua. Ou seja, este é considerada uma engenharia de produção de sentidos e nunca poderá ser classificado como uma simples informação. Orlandi nesse caso conceitua a definição de discurso como “efeito de sentidos entre locutores”. (Orlandi, 2009).



Segundo Canguilhem (1980) para que seja feita a análise do discurso é necessário articular três partes do conhecimento em suas interações contraditórias na da AD. Que será: 1) teoria da sintaxe e a sua respectiva enunciação; 2) a ideologia; 3) a teoria do discurso com suas bases fincadas na história e os seus processos de significação. As três etapas constitutivas do discurso remetem os estudos de Pêcheux no final dos anos 60, na França. Orlandi debruça sobre as teorias da escola francesa e inicia como um dos pioneiros dos estudos de Análise do Discurso no Brasil.

A Análise do Discurso na visão de Orlandi deverá estabelecer como serão interpretados os objetos simbólicos que venham a fazer sentido. Desta forma, o analista deve se debruçar a compreender analiticamente os próprios gestos de interpretação. Entretanto, a Análise do Discurso não se reduz a mera interpretação na visão da escola brasileira, ela atua frente aos limites e mecanismos como parte da engenharia de significação. O analista deverá buscar entender como um objeto simbólico formulará sentidos e como ele produz significado para os sujeitos.

O texto deverá estar organizado de uma maneira em que possam ser interpretados os gestos que serão analisados buscando relacionar sujeito e sentido. Orlandi destaca que as formas de interpretação de uma determinada pergunta irá variar de analista para analista, e uma interpretação, por mais que obedeça a um arcabouço teórico em específico, jamais será igual entre os pesquisadores. Ou seja, é preciso que o pesquisador mobilize melhor os seus conceitos para que possa extrair o máximo de sentido dos discursos analisados. (Orlandi, 2009).

Orlandi (2020) acredita que para realizar análise discursiva o pesquisador deve se ater a forma de funcionamento como central, e os mecanismos de interpretação da constituição dos sentidos e do sujeito. Desta forma, paráfrases, bem como metáforas não serão relevantes para a análise uma vez que os conceitos não serão extraídos delas.

Para que seja analisado o discurso, Orlandi propõe três etapas. 1ª etapa: Passagem da superfície linguística para o discurso. A segunda etapa seria a passagem do objeto discursivo para a formação discursiva e por fim, a terceira etapa que seria o processo discursivo para a formação ideológica.

A primeira etapa do trabalho de análise será verificar as formações discursivas que estão se apresentando no material de coleta. Nesta etapa é importante verificar o que foi dito e relacionar com o que poderia ter sido falado. Esta etapa permite identificar se uma palavra seria identificada de forma A ou B.

A segunda etapa consiste em analisar os objetos discursivos. Ou seja, serão verificadas as constituições das frases e palavras proferidas pelo processo de significação das palavras utilizadas. Nessa etapa, o significado das palavras é importante, uma vez que o orador irá escolher as palavras que serão ditas, essas palavras escolhidas formarão a formação discursiva de determinado objeto. A exemplo, opinião sobre o fim das audiências de custódia, etc.

A terceira etapa é a análise do processo discursivo buscando identificar os aspectos ideológicos que levaram o sujeito a constituir a sua fala. É a parte em que a formação ideológica do sujeito será importante para compreender a construção das suas frases proferidas. É o momento em que será analisado o discurso do Bolsonaro



visando identificar os sentidos do seu discurso por meio dos aspectos ideológicos do sujeito.

O ESQUECIMENTO NO DISCURSO NA VISÃO DE ORLANDI E MICHEL PÊCHEUX

Michel Pêcheux (1988) aponta duas formas de esquecimento do sujeito no discurso, que seriam o esquecimento número 1 e o esquecimento número 2. Começando pelo esquecimento número 2, este esquecimento tem a ver com a enunciação do discurso, quando falamos uma determinada palavra, e conforme o sujeito se expressa é possível identificar lacunas que indicam que o discurso realizado poderia ter sido proferido com outras palavras. A título de exemplo, ao falar, não desista, poderia ter sido dito, vá em frente. Pêcheux salienta que nem sempre temos consciência disso, tendo o inconsciente impulsionado a forma do dizer.

O esquecimento número 1 é conhecido como o “esquecimento ideológico”, esse esquecimento é da ordem do inconsciente e, nesse caso, é a maneira que somos impactados no âmbito do inconsciente pelo nosso viés ideológico. Pensamos que falamos apenas aquilo que queríamos dizer, quando na verdade, o que foi dito foi determinado pela maneira em que posicionamos na nossa história, no social e no cultural. Esse esquecimento no momento do discurso ele não veio de uma estratégia do enunciador, mas veio do próprio inconsciente. Os discursos não tem origem singular no indivíduo, o discurso já estava em processo muito antes, o indivíduo é que adentra no processo e não o discurso que adentra o indivíduo. Tudo faz parte do social e o inconsciente escolhe as palavras que devem ser ditas em determinado discurso a depender do significado e do sentido que irá produzir. (Orlandi, 2009).

Orlandi (2009) acredita que o esquecimento número 2 faz o sujeito pensar que o que foi dito poderia ter sido enunciado apenas da forma que foi falado, a isso o teórico chama de uma realidade falsa, no qual é chamada de ilusão referencial. Este é o que é denominado de esquecimento de ordem enunciativa, ele é semi-consciente, e o analista deverá recorrer a essas lacunas. As formas pelas quais o sujeito se expressa, ou seja, a maneira dita não pode ser indiferente aos sentidos.

LINHA TEÓRICA DE SÉRGIO FREIRE SOUZA – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Souza (2014) destaca o teórico francês Michel Pêcheux como o pioneiro e um dos primeiros fundadores da análise do discurso. O teórico francês acredita que a linguagem não é apenas uma forma de estrutura, ela é a junção entre estrutura e acontecimento. “É o que se diz e tudo o que está envolvido no dizer, no uso da linguagem, entendida como uma prática social”.

Sérgio Souza, em seus estudos sobre Pêcheux destaca que a linguagem apresentada por seus interlocutores está enraizada de valores, histórias, imagens e conceitos, estando a língua repleta de um conjunto de sentidos que constrói a matriz semântica pela qual nós atribuímos sentido ao mundo em que vivemos.

Na análise do discurso nenhuma fala pode ser considerada aleatória no que se refere ao uso da linguagem, a utilização de frases e palavras não quer dizer que seja uma ação resultante da liberdade de quem se comunica. Tal uso é determinístico pela



condição social, histórica e cultural do sujeito. Não é adequado se comunicar com total liberdade uma vez que há limitações ocasionadas pelo regime jurídico de cada ecossistema, bem como pela cultura ética e moral de determinada região, econômicos e afetivos, que podem, de uma determinada maneira ocasionar constrangimento na liberdade de enunciação. Desta maneira, o falar é, na visão de Pêcheux, contingenciado.

Souza (2014) salienta a importância da posição-sujeito na análise do discurso, que seria situações específicas de fala do comunicador. Tal posição-sujeito é o local de onde se fala e de onde se faz produzir sentido. Pêcheux quando fala de local ou lugar, não é de fato o lugar, mas do lugar simbólico onde são edificadas as relações histórico-sociais.

A análise do discurso é entendida como uma prática social, e para que seja analisado do ponto de vista desta teoria é preciso que seja analisado em conjunto com o papel que constitui a ideologia. Souza (2014) aponta os diversos tipos de ideologia, mas destaca o conceito marxista, como “um conjunto de ideias que procura ocultar a sua própria origem nos interesses sociais de um grupo particular da sociedade”.

Pêcheux se utiliza do conceito Althusseriano para refletir a linguagem com a sua relação com a ideologia. O pensamento de Althusser com relação a ideologia se constitui por meio de uma relação imaginária que temos em relação ao que pensamos, que se transforma em práticas que são de certa forma guiada por tais relações. Althusser destaca que a ideologia tem como base a escola, a família, o partido político e também o meio religioso, que interpelam os sujeitos, e ao passar por um assujeitamento a determinada ideologia, ele passa a se expressar conforme o posicionamento da mesma.

Souza (2014) aponta que Pêcheux se apropria do conceito de Althusser de ideologia para analisar a relação com a análise do discurso, destacando que não é possível pensar o sujeito sem a linguagem, bem como não é possível pensar a linguagem sem os aspectos ideológicos, históricos, sociais e culturais. Desta forma, não haverá sujeito sem ideologia na visão de Pêcheux, mas o teórico vai além, uma vez que são inúmeras ideologias existentes, sabendo que a ideologia não pode ser considerada homogênea tendo em vista as inúmeras contradições que podem surgir ao analisar determinado fenômeno.

Michel Pêcheux tem como base de sustentação na análise do discurso a junção de língua e ideologia, o que irá determinar os sujeitos bem como os sentidos. O discurso não deverá ser de forma alguma isolado, ele sempre terá relação com outros discursos. Tais como os discursos de Bolsonaro em relação aos seus oponentes, através dos discursos políticos construídos por ideologias, tais como armar ou não uma população, como o discurso acerca do fim da audiência de custódia ou o discurso das melhorias dos indicadores sociais para mitigação da violência. Pêcheux tem como base o discurso relacionado a outros discursos. Nas eleições de 2018 tivemos os embates entre PT e PSL, onde seus representantes defendiam as políticas para a promoção das mulheres, enquanto o discurso do PSL buscava relacionar o aumento da violência as políticas do Partido dos Trabalhadores. Os discursos irão, inclusive, excluir outros.



Segundo Souza (2014) Michel Foucault teve influência nas obras de Pêcheux, adicionando e reinscrevendo questões conceituais foucaultianas. Foucault acredita que a maneira pelas quais as pessoas falam e discursam tem a ver com as suas próprias práticas intrínsecas de pensamento. O pensamento foucaultiano acredita que a forma de pensamento dos sujeitos é construída através da prática de pensar de determinada maneira, adicionando que as pessoas não nascem racistas, conservadoras ou libertárias, mas adquirem através das suas práticas de pensamento. Na visão do teórico os sujeitos aprendem a pensar de forma singular porque praticam uma forma de pensar durante toda a sua existência. O discurso de Bolsonaro e de seus concorrentes são raízes das formas pelas quais eles estão habituados a praticar o pensamento. A discussão acerca do porte de armas ou o abatimento de criminosos jamais será hegemônico, mas será carregado de história, cultura e pensamento social de cada indivíduo, em determinados tipos de campo simbólico.

Pêcheux acredita no embate de discursos no meio social em busca de prevalecer os sentidos em que cada orador sustenta, tal como o discurso religioso e o discurso conservador que irão levar a defesa de práticas específicas no que se refere as políticas públicas, estas distintas dos libertários, liberais e heterodoxos para o mesmo assunto, tal como a educação escolar, as medidas de segurança pública e as ações na economia política.

O discurso cristão irá levar ao embate os pilares que sustentam esta forma de religamento espiritual, e esses mesmos princípios irão orientar a forma pelas quais serão escolhidos os temas sociais abordados nos materiais didáticos das crianças nos centros de ensino escolares. Um discurso armamentista e de endurecimento do Código Penal irá encontrar resistência frente a oradores que vislumbram mitigar os problemas referentes a criminalidade através da melhoria dos índices de educação, de distribuição de renda e de redução das desigualdades sociais, estes mais voltados para a esquerda – não venho aqui dizer que é um discurso apropriado pela esquerda ou direita, mas que, nos últimos anos, no Brasil, o campo político tem se comportado por essas divisões.

O discurso religioso cristão, ambos de matriz evangélica ou católica serão contrários a prática do aborto. Haja vista o episódio envolvendo a manifestação de religiosos e de ativistas Bolsonaristas, tal como a Sara Winter, que se mobilizou para impedir que uma criança de dez anos de idade, estuprada pelo tio, tivesse o direito de abortar a criança fruto de um estupro de vulnerável. Esse mesmo discurso contrário ao aborto encontrará um novo formato quando defendido pelo próprio movimento feminista, que acredita no empoderamento da mulher sobre o próprio corpo ou que vejam o aborto em determinados casos como questão de saúde pública. Um mesmo tema, tal como salienta Pêcheux será interpretado de maneiras distintas através da forma pelas quais os sujeitos estão habituados a praticar o pensamento. O pensamento conservador está habituado a esta prática de pensamento, tal como o pensamento liberal está habituado a outras práticas de pensamento, como adesão as liberdades individuais em detrimento de enquadramentos religiosos.



Nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, por exemplo, o discurso do PSL fez vistas a uma possível proposta legislativa de emenda à constituição que flexibilizasse a redução da maioria penal. Certamente o debate seria estratificado para ideologias distintas, formas diferentes de pensar os acontecimentos, aprendidas e praticadas no campo de ideias do indivíduo.

Em um discurso sobre relações afetivas, um certo grupo de indivíduos irá se posicionar favorável a união entre pessoas do mesmo sexo; outros grupos se posicionaram contrário, tal como alguns segmentos religiosos que podem vir a ser em algum ponto conservadores em costumes e tradições: católicos, protestantes e judaístas. Portanto, a análise do discurso é um método de análise da linguagem que virá carregada sócio historicamente, respeitando o comportamento adquirido na socialização dos subsistemas que os indivíduos estão posicionados e das crenças pessoais de cada um. Sujeito e sentido estão entrelaçadas na análise do discurso na visão de Pêcheux, e a ideologia se faz preponderante na Escola Francesa de análise da linguagem. Na visão de Michel Pêcheux a língua pode ser considerada como uma prática social de sujeitos que tem as suas próprias ideologias adquiridas pelas práticas de pensamento, que por meio dos seus entendimentos de foro pessoal, prospectam que seus sentidos sejam preponderantes. Logo, analisar os pontos de vistas do presidente Bolsonaro enquanto candidato, por meio desta linha de pensamento, é considerar os resultados obtidos analiticamente além da fala, considerando que a fala política será extraída e analisada buscando apontar o seu sentido.

Souza (2014) salienta que haverá momentos de colisão a respeito de um tema, como o porte de armas, a título de exemplo, em que o orador que se consagrar vencedor através da disputa do discurso, na visão de Pêcheux, será aquele que possuir maior influência frente as construções de normas de uma sociedade. O mecanismo dos discursos tem uma engenharia que operaria por meio de um ciclo de discursos, visando desconstruir outros discursos avessos ao sujeito em contraposição. Na visão de Pêcheux a desconstrução de discursos contrários é uma luta que não se finda e a forma que o discurso é construído se explica pelas práticas sociais dos sujeitos. O discurso, portanto, é a manifestação da ideologia do sujeito por meio da língua.

Para Sérgio Freire Souza os sujeitos não estão fadados a conformar-se eternamente com as suas convicções, repetindo seus discursos continuamente. Pêcheux avalia que é possível derivar os sentidos do sujeito, e que sempre existe a possibilidade do sentido ser paradoxalmente distinto. É por meio do ato de derivar que as pessoas irão se desviar do arcabouço de sentidos que faz parte da sua construção enquanto sujeito. Portanto, o sujeito também costuma resistir a repetição de discursos e resiste ao fato de não estar condenado a operar a mesma narrativa a todo momento. Desta forma, Souza (2014) em seus estudos sobre Pêcheux aponta que a resistência e a contingência do sujeito enquanto as normas pelas quais acredita é relativo ao inconsciente. Desta forma o sujeito que proferi o discurso é de raiz psicanalítica. As prospecções do sujeito que não são adquiridas ou não são simplesmente lhe permitidas pelo contingenciamento do discurso se direciona para o inconsciente. Desta forma surge outro processamento no inconsciente, que seriam as pulsões



recalcadas que entram em conflito para sair e para desobstruir filtros da sociedade que as fizeram contingenciar. Desta forma, as pulsões saem pelos atos falhos referentes a língua, como lapsos. Para Lacan (1998) os atos falhos constituem um discurso considerado bem sucedido. (Souza, 2014).

Pêcheux acredita que as derivas possibilitam ao sujeito repensar os seus discursos. A exemplo, a deriva no campo religioso é o ato pecaminoso, ou no campo jurídico, ser classificados como criminosos caso descumpram o ordenamento das leis. Tal possibilidade de flutuação através de derivar proporciona o realinhamento discursivo, que ficam mais fortes ou mesmo deixam de existir.

Discursos como os da escravidão, que eram ditos como normais para o período, hoje são amplamente rompidos, é um discurso que derivou, que se deslocou ao longo do percurso histórico. Muitos podem ter proferidos discursos favoráveis ao golpe de 1964 no Brasil na época da ditadura militar, mas esse mesmo discurso pode ter sido modificado ao longo da história. A partir do momento em que o sujeito resiste no âmbito do inconsciente a sua repetição discursiva, as pulsações saem nos atos falhos da sua comunicação se reverberando de forma equivocada em decorrência do contingenciamento.

As palavras e as expressões sofrem mudanças no sentido por meio das posições que são sustentadas pelos sujeitos, ou seja, os sentidos para o sujeito mudam conforme o deslocamento dessas posições ideológicas. Desta maneira, a formação discursiva do sujeito está amparada numa estrutura de ideias. Para Michel Pêcheux é dever da análise do discurso explicar o sentido das palavras proferidas pelos oradores, exemplificando o porquê do sentido ser 1 e não 2, ser 4 e não 3, etc. Ao analisar o discurso pela Escola Francesa, o pesquisador deve ter em mente que será preciso correlacionar a formação do discurso aos aspectos ideológicos do sujeito construídos ao longo da história, de modo a identificar a partir de que local o sujeito fala e de que local os sentidos vêm de encontro.

Souza (2014) salienta que o analista deve se ater ao fato que duas frases simétricas podem ter efeitos diferentes, a exemplo o Orgulho Negro e o Orgulho Branco. Uma será mais voltada para a igualdade racial, mas a outra estará mais voltada a formas de discriminação de raça. Portanto, a análise do discurso construída metodologicamente na França por Pêcheux, influenciada por Foucault embasa sua operação a sensibilidade do pesquisador em refletir muito além do que as frases são enunciadas ou proferidas. Tudo é importante quando se vai realizar AD, tudo que traga materialidade, como silêncios, melodias e cores. A Análise do Discurso, portanto, para Michel Pêcheux é construída pela língua e pela ideologia, elaborando um discurso de um sujeito do inconsciente.

SÉRGIO FREIRE SOUZA E O PAPEL DO ANALISTA NA PRODUÇÃO DO DISCURSO

Constitui pré-requisito ao fazer análise discursiva pressupor que os sujeitos de linguagem são ideológicos, uma vez que na visão de Pêcheux é desconsiderada a língua sem a junção da ideologia. Os sentidos, que constitui produto final da análise do discurso são oriundos e nascidos por meio de formações ideológicas (FI). O termo “nascido” não significa que as formações dos sentidos são engessadas; pelo contrário,



os sentidos giram em torno das formações ideológicas e se reciclam em razão do contexto sócio-histórico e dos pensamentos que os indivíduos praticam ao longo das suas trajetórias de vida em sociedade.

A ideologia é a matéria elementar das formações ideológicas, e as formações ideológicas são os sentidos em grosso modo. Souza (2014) destaca que as Fls são “um conjunto complexo de atitudes e de representações que se relacionam às posições no mundo em conflito umas com as outras”. Os sentidos, ao final, serão frutos oriundas das Fls.

Não é uma missão de fácil entendimento acessar de forma direta aspectos referentes a ideologia, é preciso que a ideologia tome molde de alguma coisa que proporcione escoamento. Tendo em vista a dificuldade em acessar diretamente a ideologia do sujeito, o que irá proporcionar tal vazão desta ideologia será a língua, que irá operar como elemento moldante dos aspectos ideológicos do sujeito. Ou seja, a ideologia terá o seu ciclo de organização na língua no âmbito das formações discursivas (FDs).

Souza (2014) salienta que as formações discursivas (FDs) são as formações ideológicas (Fls) manifestadas por meio do discurso em um contexto de enunciação. A FD é a base de sentidos que estabelece o que o sujeito pode ou deve falar. Foucault apresentou que o analista poderá verificar se está diante de uma formação discursiva no momento em que o indivíduo é capaz de determinar uma quantidade exata de enunciados a serem proferidos. As diferentes formações discursivas estabelecerão relações de alianças bem como de conflitos a depender das contingências. Logo, tal como as formações ideológicas, as formações discursivas estão mandatoriamente em movimento em relações bilaterais, e se definindo de forma mútua.

O sujeito, ao organizar as suas formações discursivas extrai das suas formações ideológicas quais seriam os sentidos adequados e os sentidos que não são adequados, o qual Pêcheux chama de processo discursivo. Após determinado pelo sujeito o enunciado em questão, ele é proferido e, ao ser proferido, o texto construído forma a superfície-linguística do discurso.

Sérgio Souza destaca que na teoria de Pêcheux as produções referentes aos sentidos do sujeito são inconscientes, portanto, o sujeito não tem o poder de controlar tal processo, tampouco tem consciência dele, podendo esquecer do processo de produção de sentidos. O processo, em linhas gerais, acontece desta maneira: a ideologia é a produtora do sentido, a ideologia irá se organizar por meio de discursos proferidos, os discursos enunciados irão determinar as palavras que serão escolhidas para serem enunciadas. O sujeito, ao esquecer do processo, sofre um processo de ilusão em que pensa que o texto enunciado surgiu no momento exato da fala, o que não é verdade, os sentidos já constituem existência bem anterior aguardando serem convocados para serem enunciados no âmbito das formações ideológicas.

A função elementar da ideologia na análise do discurso é induzir o sujeito ao esquecimento que ele seja na verdade um sujeito ideológico, ou seja, um sujeito que construiu os seus sentidos historicamente e continuamente. Para a análise do discurso esse esquecimento do assujeitamento ideológico é ilustrado como Esquecimento número 1 .



Após o sujeito definir o que será dito e o que não será enunciado, o sujeito desmemoriza que realizou esse crivo de selecionamento de palavras. A esse fenômeno recebe-se o nome de Esquecimento número 2. Essa talvez seja uma das lacunas mais importantes para o analista do discurso explorar, ou seja, buscar compreender o que foi esquecido, o que foi reprovado pelo sujeito ao não constituir as palavras de fala, visando explorar de forma mais acentuada aquilo que foi dito e o que possivelmente foi suprimido da fala. A identificação pelo analista do discurso do que foi esquecido na seleção do que foi enunciado pelo sujeito é chamado de objeto discursivo.

Em linhas gerais, no momento do processo de enunciação das palavras, das frases e dos apontamentos pelo sujeito, os sentidos provenientes das formações ideológicas se processam em formações discursivas e as formações discursivas irão alocar no enunciado o que será falado e o que não poderá ser falado - este último se caracterizando como processo discursivo. Ao passo que o sujeito escolhe aquilo que será dito, o indivíduo verifica a melhor maneira de textualizar, suprimindo as possibilidades de enunciação de palavras que não devem ser pronunciadas no momento – está se conceituando como objeto discursivo.

O sujeito irá desmemorizar que existiam outras possibilidades de fala (Esquecimento de número 2) e não se recorda do seu processo de cunho ideológico de produzir sentido, que é conceituada como superfície linguística, que proporciona um fenômeno de ilusão no sujeito de que o que foi falado ou escrito nasceu naquele momento em que foi proferido o discurso. Ao pesquisador que irá analisar o discurso deverá identificar possíveis marcas textuais visando coletar os textos e enunciados que foram suprimidos da fala e a partir dessa coleta explicar o significado que tais textos excluídos, quais são as suas estruturas da fala, e não menos importante, identificar quais as bases ideológicas que dão base de sustento.

A exemplo das marcas textuais, é possível identificar lacunas em algumas frases, como, “eu até tenho um amigo gay”. Tal enunciação apresenta a marca, o verbo ter, que é visível na superfície linguística da frase. Se for indagada no âmbito do objeto discursivo outras formas possíveis de enunciar, poderia ter sido dito, “...não possuo preconceitos, apoio a diversidade em todas as suas formas de afeto...”. Tal paráfrase pode ser entendida como um método procedimental de descoberta no âmbito da análise do discurso. Ou seja, o sujeito poderia ter proferido outras palavras, significando visões bem distintas. Ao falar que até tenho um amigo gay, abre a possibilidade para interpretar como se fosse um grande ato dar a possibilidade para uma pessoa homoafetiva fazer parte do seu ciclo de amigos. Portanto, a frase citada pode ser caracterizada como homofóbica. Portanto, entendendo a complexidade da análise do discurso, o analista deve interpretar além das frases, identificando as marcas textuais que abrem brecha para diferentes significados. Análise do discurso é descrição e interpretação.

Pêcheux acredita na existência de diversos meios possíveis em uma frase falada ter acesso a vários pontos de deriva que irão proporcionar repletas interpretações. É nessa deriva que atua a análise do discurso, não pode ser algo meramente descritivo. Pensar além é o objeto principal acionando a descrição e a



interpretação dos sentidos de forma conjunta constituem um requisito impetrante na análise linguística.

Considerações Finais

Concluo este artigo elucidando a relevância da Escola Brasileira para análise de discursos políticos e sociais. É uma excelente ferramenta para os pesquisadores que analisam os contextos políticos e os movimentos sociais. Pela influência de Michel Pêcheux, a área de pesquisa no Brasil muito reflete aos estudos pioneiros, na França. Para analisar contextos políticos, tais como as eleições, falas sobre política, declarações, esta corrente de pensamento poderá contribuir com análises profundas, deixando a superficialidade em segundo plano.

A análise do discurso, em linhas gerais e em todo o mundo, se mostrou como interdisciplinar ao utilizar, além dos métodos linguísticos, metodologias da psicanálise, da sociologia e da linguística. Por ser muito técnica, ela dispensar grandes subjetividades, uma vez que tem um método delineado para os analistas de discurso.

Entender as raízes estruturais do discurso permite uma análise política e social muito mais técnica, com o mínimo de vieses possíveis. Desta forma, pode-se aplicar tais metodologias para diversos contextos, aos quais o analista está inserido.

Referências

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. Princípios e procedimentos. Pontes Editores, Campinas, SP, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Introdução à análise do discurso: princípios e procedimentos de Eni Orlandi, 2020.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. Cadernos de Estudos Linguísticos, n.19. Campinas: Unicamp. 1990, p.7-24.

_____. Semântica e discurso. Campinas: Pontes, 1988

SOUZA, Sérgio. Análise de discurso: procedimentos metodológicos. Manaus: **Census**, 2014.